

# } 3.1

## Bento XVI – Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição

RATZINGER, Joseph, Lisboa 2011, 253 p.

Estamos perante a segunda parte da obra do actual Sumo Pontífice sobre Jesus de Nazaré.

Logo no prefácio alegra-se o Papa que dois importantes exegetas de língua alemã, Martin Hengel, protestante, e Franz Musner, católico, tenham explicitamente confirmado o seu projecto e que a obra tenha ganho um irmão na obra do autor protestante Joachim Ringleben (2008), *Jesus*.

As fontes desta obra, de resto, são praticamente todas germânicas, excepção feita ao autor americano John F. Meier, com amplo recurso a Ulrich Wilckens, Rudolph Schnackenburg, Heinz Schürmann, Martin Hengel, entre outros, autores que validam, sem dúvida o carácter científico do texto em apreço.

Não se trata propriamente duma Cristologia sistemática, como o próprio autor afirma no prefácio, nem também duma obra de exegese em sentido técnico, embora Ratzinger tenha em conta os grandes dados da exegese histórica-crítica, mas antes duma teologia dos mistérios da vida de Jesus: “Na realidade, escreve, não tentei escrever uma cristologia. No âmbito da língua alemã, temos uma série de importantes cristologias, como as de Wolfhart Pannenberg, Walter Kasper e Christoph Schönborn, às quais se deve agora acrescentar a grande opus de Karl-Heinz Menke, *Jesus ist Gott der Sohn*. Mais próxima da minha intenção está a comparação com o tratado teológico sobre os mistérios

da vida de Jesus ao qual Tomás de Aquino deu forma clássica na sua *Suma Teológica* (*Summa Theol: II, qq. 27-59*).

Chamar por isso a este trabalho fundamentalista, como apareceu num diário da capital, é pura ignorância demagógica.

Na verdade Tomás de Aquino na terceira parte de *Suma* separa cristologia especulativa e concreta. A concreta é a exposição dos mistérios de Cristo. Nela está em jogo a vida cristã, já que "a carne de Cristo e todos os mistérios encerrados actuam na vida corporal com causalidade exemplar". A teologia dos mistérios, ou seja a compreensão mística dos acontecimentos da história de Jesus está presente ao longo de toda a teologia patrística e medieval e na Idade Moderna. (cf. *Mysterium Salutis*, III/II 21 e s.).

Este trabalho, do ponto de vista metodológico, tenta aliar, segundo a *Dei Verbum* n. 12, o método histórico crítico com uma hermenêutica da fé.

Enquanto na I Parte e primeira obra, o Papa tinha por escopo ilustrar a figura e a mensagem de Jesus, nesta segunda parte e segunda obra, desenvolve os acontecimentos fundamentais da história de Jesus, da entrada em Jerusalém até à Ressurreição.

Em sucessivos capítulos trata Bento XVI dos diferentes "passos" da Paixão a começar pela entrada de Jesus em Jerusalém, comparando os diversos relatos do Novo Testamento e dando especial importância a um texto normalmente pouco citado na Dogmática como é a Carta aos Hebreus.

A chamada oração sacerdotal de Jesus, designação da tradição católica e protestante para o texto do cap. XVII do Evangelho de S. João, merece um amplo desenvolvimento, a partir do cenário de fundo da festa judaica da expiação (Yom Kippur). É certamente um dos momentos mais belos do livro. (p. 71 - 90).

Por entre o emaranhado de interpretações das narrativas da última Ceia e da instituição da eucaristia, esta obra fixa-se nos elementos essenciais. Quanto à data da ceia pascal de Jesus, Ratzinger segue as conclusões de John Meier segundo as quais no momento do processo de Jesus diante de Pilatos, as autoridades judaicas ainda não tinham comido a Páscoa e por isso deviam conservar-se culturalmente puras. A crucificação não teve lugar no dia da festa, mas na sua vigília, o que quer dizer que Jesus morreu na altura em que se imolavam no templo os cordeiros pascais. E sendo assim o que seria a última ceia de Jesus? Seguindo ainda John Meier, na sua obra *A Marginal Jew, I*, 398 e s. (tr. espanhola *Un Judio marginal, I*, Estella 1998) Jesus celebrou uma ceia com os discípulos relacionada com a sua despedida que nada tem a ver com o rito judaico, mas na qual celebra a sua Páscoa.

O processo de Jesus é seguido de maneira histórica, mas não de maneira sistematizada, como aparece em Ch. Duquoc. Falta também, o que talvez fosse importante e é comum entre vários autores, uma relação entre a pregação do Reino de Deus e a condenação de Jesus.

O processo aparece assim simplificado em três etapas: a prisão por ordem do Sumo Sacerdote Caifás, o interrogatório diante de Sinédrio e, por fim, o processo na presença de Pilatos. Ratzinger dá especial importância, e com razão, à declaração de Jesus diante de Pilatos, afirmando uma realeza que não é deste mundo. (18, 37). Por esta declaração diz subtilmente o autor, Jesus coloca o Estado no seu lugar: com uma problema perante a transcendência, a Verdade.

Sublinhemos finalmente, nos capítulos VIII e XI as considerações sobre a morte e a ressurreição e o simples e acertado tratamento do tema, quase sempre visto de forma confusa, do túmulo vazio (p. 207) “É verdade que o túmulo vazio como tal não pode demonstrar a ressurreição: mas temos a pergunta inversa: a ressurreição é conciliável com a permanência do corpo no sepulcro? Se Jesus jazia no sepulcro poderia ter ressuscitado?”

Em conclusão, podemos afirmar que esta obra sobre Jesus (2ª parte) é um texto a situar do ponto de vista metodológico numa reflexão sobre os mistérios do Cristianismo, com um conhecimento muito rigoroso dos grandes mestres da exegese histórico-crítica sobretudo alemã (outra quase não há) católica e protestante, aceitando as suas conclusões e deixando de lado as questões disputadas.

Seguindo este método, e estando precavido de seu seguimento pelo autor, o leitor talvez esperasse um mais amplo recurso à teologia patrística e medieval e mesmo à teologia moderna dos mistérios.

Arnaldo de Pinho